



FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV

Edição 5572

Um Jornal Necessário

[Página Inicial](#)[Comentar](#)[Imprimir](#)[Enviar por E-mail](#)

.: Publicidades .:

EDITORIAS[Cidades](#)[Especiais](#)[Esportes](#)[Opinião](#)[Polícia](#)[Política](#)[Variedades](#)**COLONAS**[Agenda Folha](#)[Criançada](#)[Despertai](#)[Em Pauta](#)[Jessé Souza](#)[Minha Rua Fala](#)[Ok!á](#)[Parabólica](#)[PodCast](#)[Shirley Rodrigues](#)[Sua Foto Vale Real](#)[Vida de Repórter](#)**Opinião**

Mercado internacional de créditos de carbono

Fonte: a A A A**Elói Martins Senhoras ***

O comércio internacional de créditos de carbono tem passado por um crescimento significativo nos últimos dez anos em função das obrigações multilaterais criadas para a redução da emissão de gases de efeito-estufa através do Protocolo de Kyoto, assinado em 1997 por 179 países..

Os créditos de carbono são instrumentos financeiros que têm sido operados em diversas bolsas ou leilões mundiais segundo as regras de mercado futuro, por meio de operações de compra e venda, como uma commodity ambiental, contabilizada por Unidades de Redução de Emissões (URES).

Em um plano, entre os principais países vendedores de créditos de carbono estão países asiáticos, latino-americanos e com um pequena participação, os países africanos, o que revela um oligopsonio restrito à participação em grau de importância, a China, Índia, Brasil e África do Sul.

Em outro plano, entre os principais compradores de créditos de carbono são instituições multilaterais, como o Banco Mundial; fundos de Governos Nacionais e bancos de desenvolvimento de países industrializados, bem como empresas comerciais como Ecomercurities e European Carbon Fund.

A comercialização dos créditos de carbono passa pela inexistência de uma regulamentação multilateral, sendo que a definição dos preço de cada crédito de carbono é característica dos projetos de desenvolvimento limpo e das praças financeiras de comercialização, que são concentradas a quatro grande bolsas especializadas: Bolsa do Clima de Chicago (CCX), Esquema de Comércio de Emissões da União Européia (EU-ETS) e Mercado Brasileiro de Redução de Emissões (MBRE).

O primeiro marco de criação de um mercado internacional de carbono surgiu no ano de 2002, quando foi criado o Sistema de Comércio de Emissões do Reino Unido, e no ano de 2003, quando o Sistema de Comércio de Nova Gales do Sul (NSW GGAS), na Austrália começou suas operações, juntamente com a Bolsa do Clima de Chicago (CCX), nos Estados Unidos, que iniciaram suas atividades como mercados bursáteis de comercialização de créditos de carbono, independente dos acordos Protocolo de Kyoto.

No caso da CCX, por exemplo, há a participação de empresas dos Estados Unidos, Canadá e México (NAFTA) e Brasil, que mesmo efetuando transações que não atendem aos requisitos do Protocolo de Kyoto, cria uma relação direta entre os mercados atrelados ao protocolo de Kyoto já que os títulos de crédito de carbono aumentaram porém a um patamar inferior, o que demonstra que este mercado é ilíquido, insipiente e fortemente sujeito à incerteza quanto ao seu desenvolvimento.

O segundo marco de criação de um mercado internacional de carbono acontece em 2005, quando surgiu quase que simultaneamente, na Europa, com o Esquema de Comércio de Emissões da União Européia (EU-ETS), e em um país em desenvolvimento, no Brasil, com o Mercado Brasileiro de Redução de Emissões (MBRE).

De um lado, o Esquema de Comércio de Emissões da União Européia (EU-ETS) iniciou suas operações como um desdobramento do comprometimento europeu no Protocolo de Kyoto, com o objetivo de comercializar títulos conhecidos como Certificados de Redução de Emissões (CERs) e licenças de emissão de créditos de carbono entre empresas da União Européia.

De outro lado, a Bolsa de Mercadorias e Futuro (BM&F) criou o Mercado Brasileiro de Redução de Emissões (MBRE) na cidade do Rio de Janeiro, como instrumento eletrônico voltado ao trading de Certificados de Redução de Emissões (CERs), atrelados a mecanismos de desenvolvimento limpo e aos compromissos do Protocolo de Kyoto.

Por último, mas não menos importante, encontra-se o Banco Mundial, como terceiro marco no mercado internacional de carbono, como relevante ator no fornecimento de informações sobre o mercado e na injeção de liquidez por meio de um número crescente de fundos de captação de recursos, que tem provido recursos



para financiamento de muitos projetos de reduções de emissão dos países em desenvolvimento ou para compra de certificados de carbono.

*** Economista e cientista político. Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR) - Outros artigos do autor podem ser encontrados em <http://works.bepress.com/eloi> - Endereço para contato: eloisenhoras@gmail.com.**

[Principal](#)[Assinatura](#)[Expediente](#)[Denúncias](#)[Classificados](#)[Fale Conosco](#)

Copyright © 2011 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados